

O CORAL DE LIBRAS COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA VISIBILIDADE E DIFUSÃO DA LÍNGUA DE SINAIS EM BELÉM

THE LIBRAS CHORUS AS A STRATEGY TO PROMOTE THE VISIBILITY AND DISSEMINATION OF SIGN LANGUAGE IN BELÉM

Herminio Tavares Santos

Instituto Federal do Pará

Ivanilde Apoluceno de Oliveira

Instituto Federal do Pará

Resumo: Este artigo objetiva analisar a importância das iniciativas de organização dos corais de Libras para a difusão desta língua em Belém-PA. O trabalho está fundamentado teoricamente nas análises de Lulkin sobre as expressões culturais como práticas de controle do corpo surdo e no trabalho de Dussel sobre a figura da colonização na constituição do mito da modernidade. Metodologicamente a pesquisa está caracterizada como uma pesquisa de campo e documental, de abordagem qualitativa. São sujeitos da pesquisa dois professores surdos precursores dos cursos de Libras oferecidos amplamente ao público. Os dados foram produzidos a partir de narrativas de vida, coletadas através de entrevistas não-estruturadas, tendo sido tratados e analisados a partir da categorização como uma técnica de análise do conteúdo. Como resultados, destacam-se a identificação da organização de um coral de Libras composto integralmente por surdos, bem como a revisão das bases analíticas sobre os corais de Libras como instrumentos de controle do corpo surdo, situando o caráter colonizador de que eram revestidas essas ações e a reflexão sobre uma inversão epistemológica possível. Em síntese, trata-se de uma luta por reconhecimento que está diretamente ligada à luta pela visibilidade progressiva da língua de sinais.

Palavras-Chave: Libras. Coral de Libras. Difusão da Libras.

Abstract: This article aims to analyze the importance of Libras choir organization initiatives for the dissemination of this language in Belém-PA. The work is theoretically based on Lulkin's analysis of cultural expressions as practices of control of the deaf body and on Dussel's work on the figure of colonization in the constitution of the myth of modernity. Methodologically, the research is characterized as field and documentary research, with a qualitative approach. The subjects of the research are two deaf teachers who were pioneers of Libras courses offered widely to the public. The data were produced from life narratives, collected through unstructured interviews, and were processed and analyzed using categorization as a content analysis technique. As results, we highlight the identification of the organization of a Libras choir composed entirely of deaf people, as well as the review of the analytical bases on Libras choirs as instruments of control of the deaf body, situating the colonizing character of these actions, and reflection on a possible epistemological inversion. In short, it is a fight for recognition that is directly linked to the fight for the progressive visibility of sign language.

Keywords: Brazilian sign language. Brazilian Sign Language Choir. Diffusion of Brazilian Sign Language.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um excerto das análises produzidas no contexto da tese de doutoramento no campo da educação que investigou o processo de construção de uma política identitária no âmbito das identidades surdas produzidas a partir processo de difusão da língua de sinais em Belém-PA. Diante da necessidade de situar ainda mais a relação entre a temática proposta e a tese defendida, é importante especificar alguns aspectos de cunho conceitual e metodológico.

Conceitualmente, é importante demarcar a concepção narrativa de identidade defendida por Ciampa (2005), a partir da qual tais investigações deveriam estar inclinadas às análises dos sentidos emancipatórios impregnados nesses contextos, de tal forma que as identidades pudessem ser afirmadas em oposição aos modelos colonizadores e excludentes. Metodologicamente, ainda em Ciampa (2005), os excertos analíticos trazidos para estas linhas são produtos de narrativas de histórias de vida, autobiográficas, concepção esta que encontra reforço em Bertaux (2010), compreendidas como narrativas de vida.

Tendo especificado estas questões é importante ainda esclarecer que as informações surgidas no âmbito das narrativas dos surdos encontram assento nas questões identitárias que envolvem a estratégia de utilização dos corais de língua de sinais, mas de igual maneira encontram assentamento em questões de caráter didático e artístico. Contudo, há que se destacar que esta tríade que abarca o tema dos corais de língua de sinais – identidade, didática e arte – devem ser sustentadas por uma concepção política que envolve a importância da língua de sinais para os surdos e o processo histórico de colonização deste ser surdo.

Esclarecer este aspecto se torna justificável se se considerar que, historicamente, com o avanço da oferta de cursos livres de língua de sinais, predominantemente ofertados por professores e professoras ouvintes, muitas iniciativas passaram a utilizar a interpretação de músicas em Libras, porém de forma indiscriminada, ou seja, não abordavam a questão didática – que originou tais iniciativas – nem atribuíam um caráter artístico à atividade, muito menos davam margem para uma análise dos aspectos identitários da língua de sinais para os surdos.

Diante de uma quantidade significativa de informações e documentos sobre as primeiras experiências de trabalho com corais de Libras em Belém, obtidos a partir das narrativas de indivíduos surdos que vivenciaram dois dos momentos históricos marcantes do processo de difusão da língua de sinais na região, foram definidos os elementos básicos de estudo deste objeto em particular. O estudo foi desenvolvido a partir da seguinte pergunta de pesquisa: qual a importância das iniciativas de organização dos corais de língua de sinais para a difusão desta língua em Belém?

Responder esta pergunta é importante para identificar e situar os processos determinantes de difusão da língua de sinais no contexto belenense. As informações e documentos obtidos a partir das narrativas de sujeitos surdos protagonistas dos primeiros processos de difusão da Libras em Belém, revelam que a iniciativa da organização dos Corais de língua de sinais tiveram papel relevante para a visibilidade progressiva da língua de sinais e na instituição de uma luta por reconhecimento tanto da língua quanto dos surdos como sujeitos sociais. Responder essa pergunta é, portanto, iluminar uma experiência que, até então, tinha uma leitura bastante superficial restrita ao caráter supostamente exótico atribuído à língua de sinais a partir de uma concepção extremamente colonialista.

Para tanto, foram elencados os seguintes objetivos específicos, a saber, (a) identificar as primeiras iniciativas de organização de corais de Libras em Belém, (b) situar historicamente a base epistemológica de análise dos corais de Libras como instrumentos de controle do corpo surdo, (c) localizar os corais de Libras no processo histórico de construção das políticas identitárias dos surdos em Belém.

O trabalho está fundamentado teoricamente nas análises produzidas em diferentes trabalhos de Lulkin (1997/2000/2005), que se ocupam desde a realização de atividades dramáticas com estudantes surdos até a análise das expressões culturais como práticas de controle do corpo surdo. Da mesma forma, o trabalho de Dussel (1993) que analisa a produção da figura da colonização na constituição do mito da modernidade, também fundamenta este texto.

Do ponto de vista das contextualizações regionais necessárias sobre as quais possam se assentar a teoria anunciada, o trabalho ainda se fundamenta teoricamente nos trabalhos de Santos (2011/2023) que se ocupam tanto da concepção identitária

defendida por Ciampa (2005), e a partir dela propõe uma análise acerca da construção das identidades surdas, até uma análise conjuntural, histórica e documental do processo de constituição das políticas de identidade promovidas pelo próprio movimento social de surdos.

A pesquisa está ainda fundamentada sob o método histórico-dialético e caracterizada como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. São sujeitos da pesquisa dois professores surdos precursores dos cursos livres de Libras oferecidos amplamente ao público em Belém-PA a partir dos anos finais da década de 1990 e primeira metade dos anos 2000, respectivamente, a professora Socorro Bonifácio e o professor Cleber Couto.

O caráter procedimental da pesquisa pode ser descrito entre as narrativas, as entrevistas e a pesquisa documental. Para que fosse possível investigar como determinadas experiências foram vivenciadas por determinados participantes, trabalhamos a partir das narrativas de vida (Bertaux, 2010), tendo utilizado como técnica para a produção dos dados, as entrevistas não-estruturadas. A pesquisa documental, como caráter procedimental da pesquisa se ocupou de produzir dados relacionados aos sujeitos, como informações inéditas e/ou complementares, através de documentos pessoais, que revelassem as vivências, as experiências e os contextos narrados. Para o tratamento e análise dos dados, adotou-se a categorização de Oliveira e Alves (2011) como uma técnica de análise do conteúdo.

Há que se considerar que, em se tratando da necessidade de uma análise conjuntural, documental e histórica do processo investigado, do ponto de vista ético, a pesquisa foi submetida à comitê de ética em pesquisa, e que os sujeitos tiveram acesso à versão do termo de consentimento livre e esclarecido em língua de sinais, além de concordarem com a utilização de seus verdadeiros nomes, em razão da importância do reconhecimento de seus papéis e atuações para o processo de difusão e reconhecimento da língua de sinais em Belém.

O que está proposto a seguir é uma análise teórica sobre a questão da abordagem das atividades teatrais, musicais e de danças, de caráter folclórico com os surdos, no decorrer da evolução das abordagens educacionais (Lulkin, 1997/2000/2005), e uma aproximação das questões políticas implicadas no processo de

colonização da vida cotidiana e dos modos de vida dos surdos, representada pelas demonstrações públicas e os corais de surdos como figuras propriamente colonizadoras (Dussel, 1993).

Em contraposição, segue uma síntese das percepções dos surdos sobre a utilização dos corais de Libras com aprendizes ouvintes, de modo que, considerando não haver de surdos para ouvintes, qualquer relação de opressão ou submissão, tal estratégia tenha colaborado, de alguma maneira, com o processo de difusão da língua de sinais em Belém-PA.

A COLONIZAÇÃO COMO FIGURA DO MITO MODERNO DUSSELINANO

A colonização como figura moderna é descrita na obra de Henrique Dussel (1993), intitulada “1492: O Encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade”, no contexto de sua filosofia da libertação. O autor parte da tese de que há que se pensar sobre o “nascimento” da modernidade, que teria se dado apenas a partir dos “descobrimientos” espanhóis das Américas. Isso, pelo fato de que, apenas após esta experiência, o “ego” moderno pudera se constituir, pois, enfim, pôde se confrontar com seu “outro”, definindo-se como um “ego descobridor”, mas também como “ego conquistador” e “colonizador”.

Esse outro não foi “descoberto” como Outro, mas foi “en-coberto” como “si-mesmo” que a Europa já era desde sempre. De maneira que 1492 será o momento do “nascimento” da modernidade como conceito, o momento concreto da “origem” de um “mito” de violência sacrificial muito particular, e, ao mesmo tempo, um processo de “encobrimento” do não-europeu (Dussel, 1993, p. 8).

Essa experiência de constituição do Outro, como dominado sob o controle do conquistador, estabelece a Europa como centro do mundo, que, tratando como “eurocentrismo”, conceito por meio do qual a Europa se estabelece como o “começo e o fim da história” (Dussel, 1993, p. 20), e analisa-o a partir de sua “falácia desenvolvimentista”. Ou seja, sendo a Europa o centro autossuficiente e

autorreferenciado, “tem um princípio em si mesma e é sua plena ‘realização’” tudo o mais está demarcado como “periferia”.

Este povo, o Norte, Europa (para Hegel sobretudo Alemanha e Inglaterra), tem assim um “direito absoluto” por ser o “portador” do espírito neste “momento do desenvolvimento”. Diante de cujo povo todo outro-povo “não tem direito”. É a melhor definição não só de “eurocentrismo”, mas também da própria sacralização do poder imperial do Norte e do Centro sobre o Sul, a Periferia, o antigo mundo colonial e dependente (Dussel, 1993, p. 22).

A “falácia desenvolvimentista” se configura, assim, a partir da ideia de que todo “ser” não-europeu, periférico, do Sul global, é constituído por uma “imaturidade” ou “minoridade”, “preguiça” e “covardia”, que é culpada – características que se impõem sobre a América Latina, África e Ásia. Esse aspecto justifica a razão dominadora, vitimária e violenta que fundamenta as ações que prometem levar o Outro ao desenvolvimento, à salvação. Permitindo que a vítima seja culpabilizada e o conquistador – agressor ou opressor – seja perdoado e tenha sua violência justificada.

Dussel (1993) se propõe à crítica da razão moderna por julgar que esta encobre um mito irracional. Esse mesmo mito que ele descreve como o “Mito da Modernidade” está analisado em sua obra, a partir de “figuras” abstratas do processo de constituição do “ego” moderno, no contexto dos “descobrimientos” das Américas.

Em síntese, o autor vai tratar da colonização, em termos da colonização da vida cotidiana do índio e do escravo africano, descrevendo-o como o primeiro processo de modernização europeia e de civilização do outro selvagem em sua menoridade. Em termos práticos, o autor trata do domínio dos corpos pelo machismo, por exemplo, bem como do domínio de certos tipos de trabalho. Ele trata, nesta figura, sobre o começo de uma domesticação e estruturação, e de uma colonização do modo como as pessoas viviam e reproduziam a vida humana.

Nos termos da figura da colonização, Lopes (2004) apresenta o termo “corpo ouvintizado”, que por sua vez está apoiado no conceito de ouvintismo de Skliar (2005). Esses aspectos levantados até aqui vão revelando a descrição dessa figura da colonização feita por Dussel (1993) como um processo de modernização do Outro como

‘si-mesmo’, contudo, não mais a partir de uma práxis fisicamente violenta, mas agora a partir de uma práxis pedagógica, política e cultural.

Para uma aproximação dos debates promovidos no campo da Surdez e do Ser Surdo, foi necessária a promoção de debates sobre as questões que envolvem o uso de aparelhos auditivos e as cirurgias de implante coclear. No estudo de Santana (2015) consta uma espécie de falsa crença de que o uso de aparelhos auditivos e de implantes cocleares significam, automaticamente, a possibilidade da fala oral, isto porque a fala oral é considerada individual, biológica e dependente de uma suposta competência da criança, para qual a audição seria o seu instrumento garantidor.

Ainda segundo esta autora, a questão central é a supervalorização da linguagem oral e a supressão da língua de sinais. Ela ainda revela uma visão superficial da linguagem, compreendida como um ato mecânico, motor, como produto articulatório, de modo que se acreditava que a fala pudesse ser ensinada e aprendida.

Com isso, a aquisição da linguagem é negada como um processo dependente da interação. Dessa forma, acredita-se que exista, a partir do ideal de “falar bem”, uma fala considerada ‘perfeita’ e ‘natural’, para qual bastaria ouvir para que se pudesse falar.

A partir dessas questões, é compreensível que se construam sobre os surdos ou sobre a surdez uma menoridade, demandando ações que o retirem dessa condição, assim como uma espécie de justificação da surdez como uma figura selvagem, que necessita ser submetido à um processo de modernização e civilização, através da realização da cirurgia de implante coclear.

POLÍTICAS DE EXIBIÇÃO DO OUTRO: MOSTRAS PÚBLICAS COMO FIGURAS COLONIZADORAS DO CORPO SURDO

Em seu trabalho intitulado “O Silêncio Disciplinado: a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes”, Lulkin (2000) apresenta rico registro acerca de algumas formas do que denominou como “mostras Públicas”, abordando a questão da exibição pública dos conhecimentos produzidos para os surdos, que se pode aproximar das cenas dramatúrgicas em que os surdos estão objetificados.

Trata-se de exposições realizadas por instituições destinadas à educação de surdos, destinadas ao público predominantemente de ouvintes, entre familiares, estudiosos e autoridades, nas quais seriam difundidos e celebrados os conhecimentos produzidos para que os surdos fossem civilizados.

Segundo Lulkin (2000), essas sessões em que seriam apresentadas as habilidades dos alunos surdos, teriam sido iniciadas pelo abade de L'Épée em 1771, e nesta obra ainda, encadeia uma série de mostras públicas bastante significativas. De acordo com a autoria das mostras, o público participante e suas repercussões, dentre as quais, apresentações presididas por L'Épée e Sicard, a presença de um público predominantemente nobre e burguês, com imperadores e com o Papa Pio VII.

O autor propõe algumas reflexões que interessam destacar neste exercício de enquadrar tais mostras como uma figura colonizadora da modernidade. Ou seja, estas iniciativas estão descritas por Lulkin (2000) como espetáculos teatrais capazes de excitar o público ao testemunharem o processo de aquisição da língua, da religião e da cultura, por crianças 'selvagens'.

Apesar do surdo estar em evidência neste modelo de evento, para o pesquisador, tais iniciativas estavam a serviço do modelo moderno de filosofia, de ciência e de educação.

Embora o êxito dessas demonstrações garantisse uma visibilidade "a favor" do sujeito surdo, tais exposições serviam à legitimação das buscas empreendidas por filósofos e exploradores para encontrar o "homem natural", capaz de ser educado e tornado racional pelo processo "civilizatório". Estes eventos teatralizados implicavam um olhar de controle que permitia a audiência observar o ser primitivo "emergir" em direção à linguagem [...] (Lulkin, 2000, p. 37).

Nesse conjunto de argumentações o autor apresenta diferentes pinturas produzidas para registrar e representar essas práticas, que vão desde o ensino da escrita (O Abade L'Épée com o Rei Luiz XV da França), passando pela oralidade ("Modo de fazer articular os sons através do sentido da pressão"), até a sinalização em língua de sinais (demonstração da língua de sinais para o Papa Pio VII).

Na análise do autor, tais obras constituem "representações visuais do disciplinamento" (Lulkin, 2000, p. 39), bem como, pode-se inferir a partir do exercício

aqui proposto, constituem igualmente, representações visuais da colonização dos corpos surdos.

O peso dessas práticas e de seu caráter colonizador sobre os corpos surdos pode ser evidenciado por episódios realizados tanto no século XVIII quanto no século XX. O primeiro deles se passa no Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris, sob a direção do abade Sicard, em auditório com plateia entre trezentas e quatrocentas pessoas, em que o jovem Jean Massieu, surdo, deveria responder questões feitas por participantes ouvintes, transcritas por Davis (1997, *apud* Lulkin, 2000, p. 37) da seguinte forma:

“O que é um sentido?”, perguntaram a Massieu.
“O portador de uma ideia”, ele respondeu.
“O que é ouvir?”, perguntaram, tentando desconcertá-lo.
“Ouvir é a visão articular”.
“O que é gratidão?”, perguntou o abade Sicard.
“A gratidão é a memória do coração”, Massieu respondeu.
“O que é Deus?”.
“O Ser necessário – o sol da eternidade”.
“O que é eternidade?”. Alguém perguntou.
“Um dia sem ontem nem amanhã”, Massieu imediatamente respondeu.

O segundo episódio se passa na década de 1970, aproximadamente, e é narrado pelo próprio personagem surdo, descrevendo o ambiente em que se passa como sendo um auditório lotado de ouvintes, entre professores e familiares de surdos, público “digno de um espetáculo” (Santos, 2016, p. 74). Os objetivos foram descritos como sendo a comprovação da “possibilidade, daquele modelo de escola e daquele paradigma educacional, de transformar sujeitos ‘anormais’, ‘incapazes’ e ‘isolados’ em sujeitos capazes de se ajustarem às normas, e de se tornarem ‘socializáveis’ e ‘produtivos’” (Santos, 2016, p. 74).

A irmã queria apresentar para as pessoas ouvintes a oralização que os surdos eram capazes de fazer. [...] a irmã dava uma poesia e dizia que era pra estudar e que precisava decorar, mas ela nunca me explicou a poesia, era apenas pra eu decorar palavra por palavra, [...] e ficava treinando em casa, decorando, sem explicação, era apenas pra decorar e eu treinava muito.

[...]

Quando voltei à escola fui conferir pra ver se eu tinha decorado e eu tinha que falar toda a poesia, fazendo um esforço pra lembrar todas

as palavras, perfeitamente igual ao texto. A irmã ficou feliz e marcou a apresentação no auditório não lembro de onde.

[...]

E fomos juntos eu, a irmã e minha mãe, tomei banho e me arrumei e fui para o auditório lotado de gente, e a irmã perguntou meu nome, oralizando, sem usar quaisquer sinais, “qual seu nome?” e eu respondi oralizando, “qual sua idade?”, “oito anos”, “onde você estuda?”, “escola X”, “agora você pode apresentar a poesia”, e eu comecei a falar e as pessoas ficaram admiradas e aplaudiram e minha mãe ficou muito feliz, mas a poesia eu apenas decorei (Santos, 2016, p. 73-75).

A aproximação deste dois episódios, obrigatoriamente nos remete à reflexão da persistência dessas práticas e da manutenção de uma lógica colonizadora dos corpos surdos. Ao discutir o processo de construção de identidades surdas, comparando-as com personagens dramaturgicos, descritos em forma de nomes compostos entre substantivos e adjetivos (predicados), Santos (2016) considera que essas demonstrações públicas constituem uma espécie de ritual de passagem. Nesse cenário, a capacidade de oralização do indivíduo devia ser comprovada e convalidada pela comunidade de falantes, para que este deixasse de ser representado como *mudo* e fosse representado, finalmente, como um *falante*.

Com essa demonstração pública, o educador mostra, ao vivo, o sujeito da educação e o pressuposto filosófico da pedagogia apropriada para os surdos. Enquanto o sujeito surdo não tem acesso à linguagem, permanece num estado “dirigido” pelo coração que anima o estado emocional anterior à espiritualidade da alma, evoluindo em direção à racionalidade humana. Para ter lugar entre os homens deve ascender, através do conhecimento da palavra falada, de um estado inferior, emocional (não racional), para um estado superior, racional (Lulkin, 2000, p. 41).

Tais reflexões são oriundas da descrição feita por este mesmo autor de cinco “cenas” envolvendo surdos, em iniciativas que poderiam ser consideradas “mostras públicas” contemporâneas no século XX, que se deram, basicamente, em forma de peças teatrais, coral de músicas e danças folclóricas, ou dessas mesmas formas combinadas. Essas ‘cenas’ seriam, portanto, figuras propriamente colonizadoras do mito moderno dusseliano, que o autor denominou de “políticas e poéticas de exibição do Outro” (Lulkin, 2000, p. 32).

O aspecto em comum que caracterizam todas estas ‘cenas’, em síntese, é a participação passiva dos surdos, principalmente ao considerar seu desconhecimento acerca do conteúdo do que está ali sendo encenado, coreografado ou cantado. Considerando que as atividades estão sempre relacionadas à música – com exceção do teatro que está desobrigado e desvinculado de uma harmonia melódica – há que se ponderar que os surdos não se relacionam com a música à maneira dos ouvintes, e acabam por estar, no contexto dessas atividades, sempre em relação de dependência dos “ouvidos” dos professores.

Outro aspecto em comum entre tais atividades é a atuação dos professores ouvintes como maestros ou regentes dessas ‘cenas’, de modo a buscarem não estar visíveis para a plateia, para que, através de sinais e de indicações gestuais, possam conduzir a sinalização, os movimentos, as falas e as coreografias dos surdos nas peças, danças e músicas.

Lulkin (2005) descreve da seguinte forma o contexto e o ambiente de uma apresentação de um coral composto por surdos:

O coral com surdos faz uma ponte entre a produção sonora – o canto, a música, o som – e uma produção visual. A música e a letra passam pela apreciação e seleção de um professor ouvinte que faz uma tradução para a língua de sinais. Em geral, a tradução acompanha a estrutura da língua portuguesa, inserindo sinais na sequência sintática da língua nacional falada. Esses sinais seriam, supostamente, a tradução da parte sonora para a língua de sinais e para a cultura visual: o espectador ouvinte assiste, então, uma mescla de sons, letra e música produzidos por uma fonte mecânica (o gravador, CD, toca-discos) e uma apresentação cênica de um grupo de surdos que sinaliza a canção, emitindo sons também [...]. Os sinais são conduzidos por um maestro que ouve a canção, assim como o público ouvinte, e vai regendo de acordo com a fonte sonora. Esse maestro é o professor que iniciou todo processo seletivo anterior (Lulkin, 2005, p. 46).

Igualmente ao coral de surdos, o autor descreve cenas teatrais, coreográficas e musicais, e em todas elas, estão evidenciadas uma dependência dos surdos em relação aos professores ouvintes que sinalizam/gesticulam ‘escondidos’ na plateia. Contudo, nos deteremos às problematizações promovidas pelo autor acerca daquelas práticas.

Inicialmente, Lulkin (2000, p. 29) faz ponderações bastante provocativas e de extrema profundidade, que nos remetem diretamente a reflexões sobre a colonização

dos corpos surdos: “se não houvesse um ouvinte a conduzi-los, desde a plateia, eles não teriam condições de fazê-lo? A plateia percebe a evidência da condução, tal como os fios invisíveis de marionetes?”.

Em outro momento, o autor evidencia um incômodo manifestado pelos surdos da plateia, perguntando-se por que estes não gostam daquela demonstração. Em seguida, passa a questionar aspectos de ordem representacional e simbólica, acerca dos sentidos produzidos para os próprios surdos sobre uma produção totalmente dependente dos professores ouvintes. Por outro lado, problematiza a ‘comoção’ da plateia com as apresentações. Seria a mensagem contida nela? Ou a beleza da sinalização? Ou ainda a capacidade dos surdos de repetir os movimentos? Por fim, o autor questiona os momentos históricos em que as representações da surdez, em favor do som e da palavra falada (cantada), foram forjadas.

Os questionamentos e proposições de Lulkin (2000), partem da constatação de que as ‘cenas’ possíveis conforme descritas são resultados de propostas pedagógicas oriundas de espaços dominados culturalmente por ouvintes, ou seja, o som e a palavra falada têm sido, historicamente, privilegiados. Assim, podemos compreender a análise do autor sobre as apresentações públicas e as afetações produzidas nas plateias, quando propõe a comoção de um “público normal” quando se vê frente à “deficiência que superou seus limites”, aproximando-se de uma expressão cultural “educada, civilizadas” (Lulkin, 2000, p. 32).

Em relação às convenções de uma efetiva representação cênica, o caráter colonizador dos corpos surdos fica ainda mais claro na evidência desse debate, visto que essas práticas, conforme descritas, controlam e dirigem o olhar dos surdos – sentido determinante para que os surdos estabeleçam qualquer tipo de relação, sejam relações interpessoais, sejam relações de significado – de forma que nem possam fazer contato visual com a plateia.

Os alunos cantantes/sinalizadores surdos dificilmente entram em contato direto com seus espectadores, vendo-se obrigados a seguir um condutor externo que dirige o olhar, a atenção e determina o sinal a seguir; um condutor externo ao grupo que escolhe as canções, inspirado na música e na letra que nenhum aluno surdo (e “cantor/sinalizador”) escutou previamente” (Lulkin, 2005, p. 47).

Outra ressalva feita pelo autor, nessas reflexões, está relacionada ao equívoco de acreditar que, estando os surdos e a língua de sinais presentes no ‘centro’ dessas ‘cenas’, estariam eles sendo privilegiados e reconhecidos, aceitos e prestigiados, permitindo que pudessem crer numa integração destes ao universo social e cultural.

As apresentações públicas reforçam as representações sociais que os ouvintes têm do sujeito surdo, impregnadas de posturas/attitudes condescendentes e benevolentes, impondo uma aproximação das expressões culturais dos ouvintes” (Lulkin, 1997, p. 64).

No entanto, ao contrário, isso não implica a libertação dos surdos e da língua de sinais de uma representação relacionada à deficiência, à fraqueza espiritual e à baixa inteligência. Essas são representações efetivamente reforçadas por essas práticas.

Do coral de surdos ao coral de ouvintes: inversão epistemológica e a expansão da língua de sinais em Belém/PA

Conforme o exemplo descrito por Santos (2016) e de acordo com a conceituação de Lulkin (2000), as mostras públicas contemporâneas configuradas como os corais de surdos também podem ser representadas como uma figura propriamente colonizadora, visto que atendem a descrição dusseliana de colonização da vida cotidiana e do modo de vida dos indivíduos.

Os primeiros relatos obtidos são da professora Socorro Bonifácio e do professor Cleber Couto, professores surdos, pioneiros na oferta de cursos de língua de sinais em Belém/PA, e remontam esta primeira configuração do coral de Libras composto apenas por surdos, como uma iniciativa de um professor ouvinte.

O professor Celso Michilis, que era professor de uma universidade particular, ele tinha um projeto [...] chamou vários surdos, lá no Felipe Smaldone, explicou qual a ideia do seu projeto, nós (surdos) achamos legal e começamos a ensaiar um coral em língua de sinais [...] e começamos a fazer várias apresentações [...] (Cleber).

Figura 01 – Apresentação do Coral “Mãos que Cantam”



Fonte: Acervo do Professor Cleber Couto (1998)

Cabe ainda contextualizar o fato de que a foto acima registra uma apresentação do Coral de Libras composto apenas por pessoas surdas, no auditório de uma instituição especializada de educação, destinada ao atendimento de alunos surdos, que historicamente adotara fundamentação e abordagem oralista. Representa também uma espécie de transição entre a abordagem estritamente oralista e uma tímida espécie de aceitação da língua de sinais, mas que a mantinha ainda em local de submissão em relação ao poder do ouvir e da palavra falada, representada, por sua vez, pela orientação gestual do regente ouvinte deste coral.

O professor Cleber Couto faz ainda um relato bastante importante sobre a metodologia de trabalho do professor Celso no projeto do Coral de Libras, em relação à apresentação do Hino Nacional Brasileiro em Libras:

[...] entregou para a gente o texto escrito e disse que nós tínhamos que estudar aquele texto de duas colunas, e decorar tudo [...] foi explicando os significados das palavras [...] por exemplo, o significado de “retumbante”, que era um barulho muito forte [...] e explicava tudo isso em língua de sinais [...] e nós anotávamos tudo de lápis ao lado das palavras [...] e depois fomos estudar para decorar mesmo aquela letra [...]

Vale destacar o fato do professor idealizador do projeto se comunicar com os surdos através da língua de sinais, e utiliza-la para explicar o significado de algumas palavras que certamente estivessem fora do vocabulário da língua portuguesa conhecido pelos surdos. Contudo, há que se considerar que a explicação de palavras e

não necessariamente das orações ou frases do texto do Hino Nacional Brasileiro. Ou seja, tecnicamente, conhecer o significado de algumas palavras não garantiria que efetivamente os surdos pudessem fazer uma leitura mais fluida de qualquer texto.

O que se revela, então, é a estratégia consolidada no decorrer de toda a vida escolar de alunos surdos que vivenciaram o ensino a partir de uma abordagem oralista, a saber, estratégia de decorar os textos. Isso, portanto, justifica a necessidade da presença do professor “regente” do Coral de Libras à frente de seus membros, para efetivamente conduzi-los.

Este episódio está, portanto, suscetível à todas as reflexões propostas nas seções anteriores, desde Dussel (1993), passando por Santos (2016), até Lulkin (1997/2000/2005), sobre a caracterização das mostras públicas contemporâneas como políticas de exibição do corpo colonizado do outro. Retomando este último autor, cabe novamente problematizar as afetações produzidas por tais apresentações em plateias de pessoas “normais”, que se viam diante da representação de pessoas deficientes que superaram seus limites e se aproximaram de uma forma de expressão cultural civilizada.

A ideia de “inversão epistemológica” aqui adotada está relacionada ao mesmo conceito adotado por Thoma (2002), que por sua vez recorre à Silva (1997) que trata da “inversão epistemológica da anormalidade” a partir de uma mudança na perspectiva através da qual a surdez e os surdos são interpretados. É, então, a partir desta perspectiva que o trabalho da pesquisa confrontou a utilização desta mesma estratégia do Coral de Libras utilizada pelos surdos na condição de professores de aprendizes ouvintes em cursos de língua de sinais.

Há que se esclarecer, contudo, o contexto desta última iniciativa. Os sujeitos participantes desta investigação, professores Socorro Bonifácio e Cleber Couto, adotaram iniciativas que buscavam divulgar a língua de sinais em Belém-PA, culminando na criação do primeiro curso de Libras da região, como uma ação educacional sistematicamente planejada. Uma das primeiras análises realizadas pelos idealizadores do curso foi constatar uma adesão significativa de aprendizes ouvintes. Nesse contexto o interesse cada vez maior deste público, em particular de aprendizes ouvintes que também eram estudantes de cursos de graduação da Universidade do Estado do Pará – UEPA, local em que o curso se consolidou nos primeiros anos, aliados à expansão do

curso de Libras e à atuação de alguns desses alunos e ex-alunos do curso como intérpretes de Libras, a iniciativa de criação do Coral de Libras, também guarda sua importância para a amplificação da visibilidade da língua de sinais em Belém-PA.

É necessário, contudo, demarcar que a ação da professora Socorro e do professor Cleber guarda suas origens na iniciativa supramencionada, atribuída ao professor Celso. Posteriormente, a ideia de juntar as músicas com as atividades do curso, deu-se no processo avaliativo de culminância do segundo módulo do curso, na qual os alunos (ouvintes) deveriam apresentar uma interpretação de música, de livre escolha, em língua de sinais. A adesão dos alunos ouvintes foi tão positiva que outras atividades do mesmo gênero foram desenvolvidas, com outras turmas do curso, até que surgisse o Coral de Libras, composto só por ouvintes, denominado, então, “Arte do Silêncio”.

Figura 02 - Verso da camisa usada por intérpretes



Fonte: Acervo de Intérpretes (2000)

Figura 03 - Apresentação do Coral em instituição religiosa



Fonte: Acervo de Intérpretes (2000)

Nessa referência, pretende-se, portanto, argumentar em favor da visibilidade que as apresentações dos corais de língua de sinais oportunizaram a essa língua, num contexto de abertura para o debate sobre a importância da língua de sinais no desenvolvimento da linguagem de crianças surdas e seus processos educacionais. Apresentações, como se pode ver nas figuras abaixo, em diferentes lugares e situações, que se constituiria em nova realidade para os surdos e para a língua de sinais, visto que esta língua passava a ocupar espaços e situações, antes reservados à manifestações orais em língua portuguesa, passando pelos púlpitos e altares de diferentes instituições religiosas, até recitais de música, cerimônias oficiais, abertura de eventos e formaturas, como foi o caso das apresentações da versão sinalizada do Hino Nacional brasileiro elaborada pelo professor Cleber Couto.

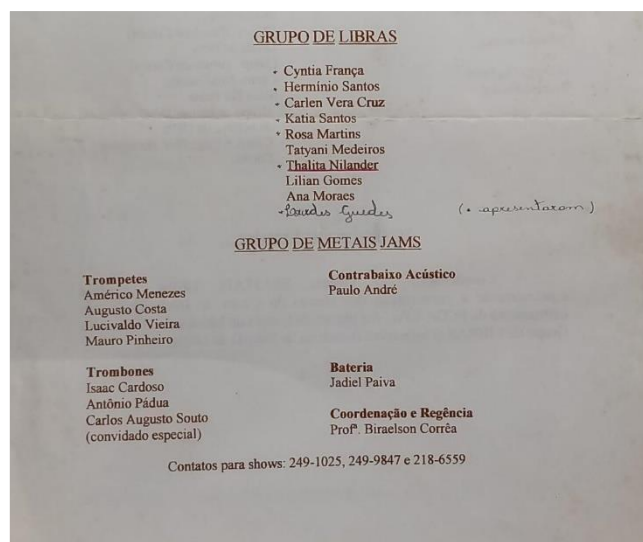
SANTOS, Herminio Tavares; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. O coral de libras como estratégia de promoção da visibilidade e difusão da língua de sinais em Belém. Rev InCantare, Curitiba, v.20, p. 1-23, junho, 2024. ISSN 2317-417X.

Figura 04 - Capa do Programa do Recital da UEPA



Fonte: Acervo de Intérpretes (1999)

Figura 05 - Componentes do “Coral de Libras”



Fonte: Acervo de Intérpretes (1999)

Figura 06 - Apresentação do Hino Nacional em Libras



Fonte: Acervo do Professor Cleber (2011)

Apesar das críticas, anunciadas por Lulkin (2005), sobre o que seria uma forma de colonização dos corpos surdos – quando aborda a questão das sessões públicas de demonstração do poder exercido sobre os surdos, exemplificada pelos corais de surdos, regidos por professores ouvintes – sobre o coral de Libras compostos por ouvintes propõe-se uma argumentação, que ao contrário, não advogue uma colonização dos surdos, mas demonstre outro tipo de relação desses com os ouvintes, de maneira que a iniciativa lhes favorecera estar em locais, antes, destinados apenas à música oral, ou a expressões tradicionais da cultura sonora e oralizada, como os recitais de música.

É fundamental reconhecer que, apesar dessas iniciativas estarem relacionadas à certa estrutura frasal que não correspondia efetivamente à estrutura da língua portuguesa ou mesmo da língua de sinais – como uma espécie de interlíngua, natural do processo de aprendizagem de uma segunda língua – tal iniciativa foi determinante para dar visibilidade à língua de sinais e aos surdos. Houve oportunidade para que o debate sobre essa língua, sobre a inclusão dos surdos e sobre a escola bilíngue, encontrasse certa audiência, jamais vista no contexto local. Isso repercutiu desde o aumento da

procura pelo curso, ao reconhecimento da necessidade de tornar atividades e eventos acessíveis aos surdos, principalmente em atividades de caráter acadêmico e científico – já que o curso era oferecido dentro de uma universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encaminhando as linhas finais deste estudo, é necessário retomar os objetivos anunciados indicando as respostas encontradas e as reflexões possíveis. Desta forma, a resposta a pergunta de pesquisa que buscava analisar a importância das iniciativas de organização dos corais de língua de sinais para a difusão desta língua em Belém-PA, está também comprometida com as respostas aos objetivos específicos, lembrando quais sejam, (a) identificar as primeiras iniciativas de organização de corais de Libras em Belém, (b) situar historicamente a base epistemológica de análise dos corais de Libras como instrumentos de controle do corpo surdo, (c) localizar os corais de Libras no processo histórico de construção das políticas identitárias dos surdos em Belém.

Em resposta ao primeiro objetivo específico, foi identificada a iniciativa atribuída ao professor Celso Michilis, então professor de instituição privada de ensino superior, que teria organizado um coral de Libras composto integralmente por surdos, ex-alunos de uma escola especializada em educação de surdos, mantida e administrada por uma congregação religiosa.

Vale destacar que não foram encontrados registros pessoais ou institucionais de outras iniciativas como a que se refere ao professor Celso. Além do fato de que esta iniciativa, em particular, vincula-se diretamente aos personagens que posteriormente viriam a criar e oferecer o primeiro curso de Libras do Estado do Pará.

Em relação ao segundo objetivo específico, que trata das bases epistemológicas de análise dos corais de Libras como instrumentos de controle do corpo surdo, a segunda seção constrói uma fundamentação baseada no conceito de colonização como figura do mito moderno dusseliano, a partir do qual é possível analisar os impactos da modernidade na concepção de uma forma de ser para os surdos.

Na terceira seção intitulada “Políticas de exibição do Outro: mostras públicas como figuras colonizadoras do corpo Surdo” foi possível, a partir de uma revisão da historiografia da educação destina aos surdos, situar historicamente o caráter colonizador de que eram revestidos os corais de surdos como uma das estratégias das mostras públicas nas quais os surdos eram exibidos socialmente.

Em relação ao último objetivo específico, na quarta seção deste estudo, foi possível refletir, através dos relatos e documentos encontrados a partir da produção de dados da pesquisa, sobre uma inversão epistemológica possível em decorrência da utilização do coral de Libras, desta vez composto por ouvintes, como estratégia didática para o ensino de Libras nos cursos ofertados pelos professores Socorro Bonifácio e Cleber Couto.

No âmbito das análises possíveis em decorrência do que fora produzido e refletido, é possível considerar que esta iniciativa do Coral de Libras constituído no contexto do curso de Libras criado e fundado por professores surdos em Belém-PA favoreceu significativamente a constituição de uma luta por reconhecimento dos surdos pela sociedade.

Por um lado porque tais ações favorecem o encontro dos surdos com os não-surdos. Porém, diferente de outras situações, agora parte de nova perspectiva, isto é, a partir da língua de sinais e da experiência visual, diferente dos encontros promovidos pelo paradigma oralista. Passa, portanto, a favorecer a constituição de uma forma de ser, diferente daquela instituída pelo mito moderno da colonização.

Em síntese, trata-se de uma luta por reconhecimento que extrapola os limites do círculo familiar e da comunidade escolar e está diretamente ligada à luta pela visibilidade progressiva da língua de sinais no decorrer desses momentos históricos.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de Vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo: Paulus, 2010.

CIAMPA, Antônio da C. **A História do Severino e a Estória da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DUSSEL, Enrique. **1492: O Encobrimento do Outro**: a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

LOPES, Maura Corcini. A Natureza Educável do Surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos. *In*: THOMA, Adriana; LOPES, Maura Corcini (Org.). **A Invenção da Surdez**: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LULKIN, Sérgio Andres. O Discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. *In*: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LULKIN, Sérgio Andres. **O Silêncio Disciplinado**: a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, 2000.

LULKIN, Sérgio Andres. Atividades Dramáticas com Estudantes Surdos. *In*: SKLIAR, Carlos (Org.). **Educação e Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; ALVES, João Colares da Mota. A construção de categorias de análise na pesquisa em educação. *In*: MARCONDES, Maria Inês;

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; TEIXEIRA, Elizabeth (Org.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Summus, 2015.

SANTOS, Hermínio Tavares Sousa dos. **A Construção de Identidades na Educação de Surdos**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SANTOS, Hermínio Tavares Sousa dos. **Identidade como Metamorfose na Educação de Surdos em Belém**. 253 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – CCSE, Universidade do Estado do Pará, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Política e a Epistemologia do Corpo Normalizado. **Espaço**: informativo técnico-científico do INES. Nº 8 (agosto-dezembro de 1997) – Rio de Janeiro: INES, 1997.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. *In*: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

THOMA, Adriana da Silva. **O Cinema e as flutuações das representações Surdas** – “que drama se desenrola nesse filme? Depende da perspectiva...”. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, , 2002.

Sobre os autores:

Herminio Tavares Santos é Professor de LIBRAS do Instituto Federal de Educação do Pará - IFPA, Doutor e Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará, na linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia, pesquisando o processo de formação das identidades surdas e suas formas de manifestação em Políticas de Identidade. Pedagogo formado pela UEPA (2002) com habilitação em Educação Especial e Bacharel e Letras, habilitação em LIBRAS formado pela UFSC (2012). Professor de LIBRAS aprovado no Exame Nacional de Certificação de Proficiência no uso e no ensino de LIBRAS (Nível Superior) - PROLIBRAS 2010.

Ivanilde Apoluceno de Oliveira é Pós-doutora em educação na PUC-RJ. Doutora em Educação pela PUC-SP. Doutorado sanduiche na UNAM e UAM-Iztapalapa no México, com estudos sobre ética com o filósofo Enrique Dussel. Mestre em Educação Popular pela UFPB. Graduada em Filosofia pela UFPA. Docente do PPGED e Professora Titular da Universidade do Estado do Pará. Atua na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, Educação Popular e Educação Inclusiva, e ações educacionais com infância, crianças e com jovens e adultos.